

# CIENCIAS HUMANAS:

## POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

**Edwaldo Costa**  
**Suélen Keiko Hara Takahama**  
(Organizadores)



# CIENCIAS HUMANAS:

## POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

**Edwaldo Costa**  
**Suélen Keiko Hara Takahama**  
(Organizadores)



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Ciências humanas: política de diálogo y colaboración

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Edwaldo Costa  
Suélen Keiko Hara Takahama

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: política de diálogo y colaboración / Organizadores Edwaldo Costa, Suélen Keiko Hara Takahama. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0047-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.479223103>

1. Ciências humanas. I. Costa, Edwaldo (Organizador).  
II. Takahama, Suélen Keiko Hara (Organizadora). III. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Este e-book hace una mirada a las Ciencias humanas, más específicamente a la política de diálogo y colaboración. El libro electrónico explora cuestiones epistemológicas y metodológicas sobre la investigación en Ciencias humanas a partir de las propuestas de convergencia y superposición de temas y metodologías que se advierten cada vez más en la literatura actual, tanto por parte de investigadores en el campo de la Educación como de las ciencias sociales y humanas.

El trabajo consta de 20 artículos que tienen como objetivo comprender los contornos que las Ciencias Humanas y sus componentes establecen entre sí y con otros tejidos sociales. Es, por tanto, una necesaria actitud crítica frente al campo en toda su complejidad, para apuntar a sus reconfiguraciones, discusiones y los sentidos que los hechos educativos y otros producen en la contemporaneidad.

Los autores abordan aproximaciones psicológicas en la constitución del odio; estudio de las maquiladoras y el sindicalismo en el norte de México; adolescente y jóvenes potencializando las competencias socioafectivas; concepciones diferentes en el alcance de una competencia en normalistas y docentes formadores de docentes; periodismo, cine y radio del primer tercio del siglo xx; pensamiento crítico; componentes y elementos para recrear un programa de educación pertinente; proceso formativo en tiempos de contingencia; seguimiento a egresados de la escuela normal experimental huajuapán, generación 2012-2016; historia local por medio de la oralidad; integración didáctica de “apps” relacionadas con la producción animal; servicio de calidad para funcionario públicos con discapacidad; interacciones, una estrategia alternativa; inclusión de género; factores psicosociales que determinan el desarrollo positivo, inclusión social a partir de la práctica docente, y sala de recursos multifuncionales.

Desde el punto de vista del campo de investigación, los temas abordan una configuración transdisciplinar.

Uno de los objetivos de este eBook es seguir proponiendo análisis y reflexiones desde diferentes puntos de vista: científico, educativo, social. Como toda obra colectiva, ésta también necesita ser leída teniendo en cuenta la diversidad y riqueza específica de cada investigador.

Finalmente, se espera que con la diversa composición de autores, temas, asuntos, problemas, puntos de vista, miradas y miradas, este libro electrónico ofrezca un aporte plural y significativo.

Edwaldo Costa  
Suélen Keiko Hara Takahama



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### APROXIMACIONES PSICOLÓGICAS EN LA CONSTITUCIÓN DEL ODIO

Carlos Andrés Méndez-Castro

Angela Ivethe Mayorga Ortégón

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231031>

### **CAPÍTULO 2..... 13**

#### APUNTES METODOLÓGICOS PARA EL ESTUDIO DE LAS MAQUILADORAS Y EL SINDICALISMO EN EL NORTE DE MÉXICO

Cirila Quintero Ramírez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231032>

### **CAPÍTULO 3..... 28**

#### ADOLESCENTE Y JÓVENES POTENCIALIZANDO LAS COMPETENCIAS SOCIOAFECTIVAS Y LABORALES EN EL EMPRENDIMIENTO JUVENIL PARA LA PREVENCIÓN DE PROBLEMÁTICAS JUVENILES EN BUSCA DEL BIENESTAR PSICOLÓGICO, SOCIAL Y SUBJETIVO. IBAGUÉ- TOLIMA

Victoria Eugenia Hernández Cruz

Diana Carolina Dussan Rada

Astrid Carolina Ospina Marín

Luisa Fernanda Lozano Rodríguez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231033>


### **CAPÍTULO 4..... 40**

#### AMBIENTE TECNOLÓGICO, USOS ACADÉMICOS DE INTERNET Y APRECIACIÓN POR PARTE DE LOS ESTUDIANTES DE LA LICENCIATURA DE EDUCACIÓN PRIMARIA DEL CREN “MARCELO RUBIO RUIZ” EN LORETO, B.C.S

Bertha Elizabeth Amador Perea

Malibé Aguiar Pérpuli


Zita Luz Gandarilla Romero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231034>

### **CAPÍTULO 5..... 53**

#### ¿CONTRADICCIONES O COINCIDENCIAS EN EL DESARROLLO DE LA INVESTIGACIÓN EDUCATIVA? CONCEPCIONES DIFERENTES EN EL ALCANCE DE UNA COMPETENCIA EN NORMALISTAS Y DOCENTES FORMADORES DE DOCENTES. ESTUDIO DE CASO


María del Pilar Romero Arenas







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231035>

### **CAPÍTULO 6..... 61**

#### CARLOS NORIEGA HOPE EL ILUSTRADO DEL PERIODISMO, CINE Y RADIO DEL PRIMER TERCIO DEL SIGLO XX


Virginia Medina Ávila

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231036>

<b>CAPÍTULO 7.....</b>	<b>69</b>
LOS FORMADORES DE DOCENTES Y SUS REPRESENTACIONES SOCIALES SOBRE EL PENSAMIENTO CRÍTICO	
Araceli García González	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231037">https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231037</a>	
<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>81</b>
COMPONENTES Y ELEMENTOS PARA RE-CREAR UN PROGRAMA DE EDUCACIÓN PERTINENTE Y TRANSFORMADOR EN EL CONTEXTO RURAL DESDE EL APOORTE PEDAGÓGICO POLICIAL	
Lucy Alcira Montoya Párraga	
Carmen Elisa Anzola Bello	
Nelly Martínez Rozo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231038">https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231038</a>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>92</b>
NORMALISTAS NOVELES A LA PRÁCTICA. EL PROCESO FORMATIVO EN TIEMPOS DE CONTINGENCIA	
Juan Carlos Rangel Romero	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231039">https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231039</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>111</b>
SEGUIMIENTO A EGRESADOS DE LA ESCUELA NORMAL EXPERIMENTAL HUAJUAPAN, GENERACIÓN 2012-2016, SOBRE SU DESEMPEÑO PROFESIONAL	
Oscar Andrade Espinosa	
Nancy Cruz Montes	
Yasem Iván Altamirano Albañil	
Aurelio Alonso Espinosa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310310">https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310310</a>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>126</b>
HISTÓRIA LOCAL POR MEIO DA ORALIDADE, BAIRRO PABLO NERUDA, MUNICÍPIO DE SIBATE - CUNDINAMARCA - COLOMBIA, ENTREVISTAS A PIONEIROS REUNIÃO GERACIONAL	
Jorge Leonardo Tápias Ordoñez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310311">https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310311</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>142</b>
UN EJEMPLO DE INTEGRACIÓN DIDÁCTICA DE “APPS” RELACIONADAS CON LA PRODUCCIÓN ANIMAL EN LA DOCENCIA UNIVERSITARIA	
Maria De La Luz Garcia Pardo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310312">https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310312</a>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>147</b>
PROGRAMA DE TREINAMENTO ATENDIMENTO DE QUALIDADE PARA PESSOAS	

COM DEFICIÊNCIA, FOCO EM FUNCIONÁRIOS DO ESTADO


Francisco Cortés González,

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310313>

**CAPÍTULO 14..... 158**

INTERACCIONES, UNA ESTRATEGIA ALTERNATIVA

Luz Stella Rugeles Pineda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310314>

**CAPÍTULO 15..... 169**


CARACTERÍSTICAS DE LA IDENTIDAD PERSONAL DEL DOCENTE INCLUSIVO CON RELACIÓN AL GÉNERO

Luna García Mirna del Rosario

Sánchez Tallabas Norma Edith

Valadez Mena María Elena

Valadez Mena Verónica

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310315>

**CAPÍTULO 16..... 177**

GEOGRAFÍA DEL DESENCUENTRO EN ALTO BIOBÍO: FRONTERAS ENTRE LA TERRITORIALIDAD ANCESTRAL Y LA MODERNA

Claudio Andrés Contreras Véliz


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310316>

**CAPÍTULO 17..... 188**

IDENTIFICACIÓN DE FACTORES PSICOSOCIALES RELEVANTES QUE DETERMINAN EL DESARROLLO POSITIVO DE LAS HABILIDADES SOCIALES EN LOS ESTUDIANTES DEL GRADO NOVENO DE LAS I.E. (DOS) DE FLORENCIA – CAQUETÁ – ZONA URBANA

José Javier Achicanoy Miranda

Martha Janeth González

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310317>

**CAPÍTULO 18..... 196**

EXPERIENCIAS DE EQUIDAD E INCLUSIÓN SOCIAL A PARTIR DE LA PRÁCTICA DOCENTE EN LA ESCUELA NORMAL

Jacqueline Conzuelo Nava

Miriam Honorato Bastida

Jorge Garduño Durán

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310318>


**CAPÍTULO 19..... 209**

APROXIMACIÓN AL MODO DE SENTIR EL PERFIL DE EGRESO EN PROFESORES NOVELES

Dulce del Rosario Quijano Magaña

Suemy Ileana Burgos Coronado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310319>

<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>220</b>
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM TEMPOS DE PANDEMIA: SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS	
Suélen Keiko Hara Takahama Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310320">https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310320</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>226</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>227</b>

# CAPÍTULO 16

## GEOGRAFÍA DEL DESENCUENTRO EN ALTO BIOBÍO: FRONTERAS ENTRE LA TERRITORIALIDAD ANCESTRAL Y LA MODERNA

*Data de aceite:* 01/02/2022

*Data de submissão:* 21/02/2022

**Claudio Andrés Contreras Véliz**

Programa Doctorado en Estudios Territoriales  
del Sur Global  
Universidad de Concepción, Ciudad de  
Concepción

**RESUMEN:** El pueblo originario Pehuenche, habitantes de los sectores cordilleranos de la Región del Biobío en Chile, han desarrollado una forma de vida adaptada a los ciclos del clima montañoso de Los Andes. El uso de amplias extensiones de laderas y valles andinos, como de una amplia red de intercambio y sistema económico con otras comunidades rurales e indígenas a ambos lados de la cordillera, delinean un uso y valor particular del pueblo indígena por su geografía local. La llegada de la empresa de electricidad Endesa primero, y las instituciones del Estado después, vino a generar un profundo cambio en las relaciones espaciales, sociales, culturales, económicas y productivas que mantenían hasta ese entonces las comunidades pehuenches. Una nueva lógica aterriza con fuerza en medio de la geografía de las comunidades pehuenches, el paradigma de la modernidad con base en la cultura empresarial se instala en su territorio ancestral. Alto Biobío, pasa en consecuencia a transformarse en un territorio de colonización de la cultura empresarial, donde contemporáneamente es uno de los lugares con

las mayores inversiones en temas energéticos, pero también, de más altos índices de pobreza en el país.

**PALABRAS CLAVE:** Geografía, pehuenches, territorio ancestral, modernidad.

### GEOGRAPHY OF DISAGREEMENT IN ALTO BIOBÍO: FRONTIERS BETWEEN ANCESTRAL AND MODERN TERRITORIALITY

**ABSTRACT:** The native Pehuenche people, inhabitants of the mountain ranges of the Biobio Region in Chile, developed a way of life adapted to the cycles of the mountainous climate of the Andes. The use of large extensions of Andean slopes and valleys, as well as a large exchange network and economic system with other rural and indigenous communities on both sides of the mountain range, delineate a use and particular value of the indigenous people by their local geography. The arrival of the electricity company Endesa first, and the institutions of the State after, came to generate a profound change in the spatial, social, cultural, economic and productive relationships that maintained until and then the Pehuenche communities. A new logic lands with strength in the midst of the geography of Pehuenche communities, the paradigm of modernity based on the entrepreneurial culture settles in its ancestral territory. Alto Biobío, as a result of which it has become a territory of colonization of business culture, where, at the same time, it is one of the places with the greatest investments in energy issues, but also with the highest poverty rates in the country.

**KEYWORDS:** Geography, pehuenches, ancestral territory, modernity.

## INTRODUCCIÓN

Los pehuenches son un pueblo originario, parte de la cultura mapuche, que habita en las zonas cordilleranas del centro-sur de Chile. Sus prácticas culturales y cosmovisión se han construido en torno a la particular geografía del área, dominada por montañas, volcanes, torrentosos ríos y sus bosques de araucarias. En Alto Biobío, comuna de la región del Biobío, y epicentro de su territorialidad, se emplazan doce de sus comunidades (Lof mapu) entorno del volcán Callaqui (Callavquen en lengua nativa), y entre dos cuencas fluviales, el río Queuco por el lado norte, y el río Biobío por el sur.

El pueblo pehuenche ha desarrollado ancestralmente una lógica extensiva de ocupación de las tierras del Alto Biobío. Habitación que requiere de amplias zonas de pastoreo, uso de agua y acceso a recursos como bosques y zonas de recolección. Dicha ocupación, además de ser extensiva por motivos sociales, culturales y productivos, también cambia según la época del año, los cuales son dos zonas diferentes de residencia: Invernada y veranada.

Movilidad espacial -de veranada e invernada-, que estructura de modo central, las maneras de habitar de los pehuenches y que dan cuenta del amplio uso que tienen de la geografía local, dependiendo en gran medida de una movilidad sin restricciones, esto es, de amplio uso de su territorio, con normas regulatorias consuetudinarias para la ocupación de los espacios abiertos, que finalmente les permitirán a familias y sus animales, sortear los periplos climáticos del territorio montañoso que habitan, como el buen aprovechamiento de los recursos naturales que los rodean.

En este sentido, el relato de la geografía pehuenche se construyó sobre un territorio ajeno a la parcelación, pero entendiendo la necesidad de zonas de uso por familia; ajeno a la propiedad privada, pero comprendiendo el valor de la propiedad colectiva de cada lof. Cada uno de estos factores fue definiendo prácticas culturales como los sistemas de trashumancia, el uso de vertientes y esteros, el acceso o no a las cumbres de ciertas montañas y volcanes, y con ello, una lectura colectiva de la geografía habitada.

Pero dicha estética y narrativa local chocan con elementos exógenos que rompen con la práctica y percepción de la geografía que se habita. Nuevos grupos humanos, otras maneras de percibir y valorar la geografía han ido introduciendo nuevas conceptualizaciones a la otrora exclusiva narrativa espacial de los ancestrales habitantes del Alto Biobío, siendo abruptamente afectada por una estética y práctica de la modernidad.

## PERCEPCIONES DEL PEHUENCHE QUE HABITA Y LA CULTURA

## EMPRESARIAL QUE INTERVIENE.

Las maneras en que las percepciones y modos de apropiación de la propia geografía por parte de los pehuenches, y de cómo dichas valoraciones están cambiando bajo el desencuentro geográfico con la cultura empresarial y la instalación del Estado, pueden ser analizadas a partir de ciertas prácticas como las veranadas e internadas entre las familias crianceras de ganados caprinos y bovinos; de la valoración y relación que se tiene con volcanes y montañas del territorio; o de la importancia que juegan los ríos en la vida y cosmovisión de la cultura pehuenche.

La práctica cultural de la veranada-internada es una dinámica que se teje en torno a las influencias del clima sobre la territorialidad pehuenche, y que denota la división del espacio habitado por ellos en dos lógicas de ocupación para las comunidades, las cuales son categorías espaciales y temporales a la vez.

La internada, hace referencia a la zona de hábitat en periodos de invierno; donde las familias residen la mayor parte del año, protegidos de las inclemencias del clima montañoso invernal. En este periodo, la residencia de los pehuenches se desarrolla en las tierras más bajas, aquellas cercanas a los valles intracordilleranos. Por su parte, en la temporada de mayor temperatura buena parte de las familias y sus animales (caseros, de corral y ganado) migran hasta tierras más altas, las llamadas veranadas, donde hay pastos frescos (mallines). Lugar, donde se da la posibilidad de desarrollar otras actividades complementarias a la ganadería, como es la recolección del piñón.

En la actualidad, nuevas fronteras y lógicas espaciales se imponen sobre la tradición de la práctica trashumante. La migración de las familias más jóvenes a zonas urbanas; la multiplicación de zonas con prohibición de paso; las dificultades de tránsito de los animales por los estrechos caminos que bordean los sendos embalses hidroeléctricos del río Biobío; las barreras y controles fitosanitarios; la reducción de tierras de las comunidades; entre otros factores más, están amenazando la reproducción de esta práctica.

La geografía ya no puede ser ejercida desde la amplitud, los espacios abiertos y el uso consensuado de sus recursos. La movilidad se ha visto fuertemente restringida bajo las nociones de control soberano, administrativo y económico del Estado; también, por la disputa de recursos generada por el foco productivo de la cultura empresarial. Por su parte, y en lo que respecta al pueblo Pehuenche, su geografía no solamente es valorada por el modo en que determina los procesos socio-productivos de las comunidades, sino además, existen instancias de la geografía que repercute en el pensamiento sagrado y la visión simbólica del territorio.

El conocimiento ancestral y la cohabitación con el espacio circundante junto a grandes cadenas montañosas, activos volcanes, y numerosos cursos de agua, es el espacio donde emerge la fuerza de la espiritualidad local, con los 'winkulus', espíritus poderosos cuyo 'newen' (fuerza o energía) otorga protección a las comunidades pehuenches. Tan

relevante es la figura de los volcanes y ríos, que las doce comunidades pehuenches en Alto Biobío se emplazan alrededor de uno de los volcanes, el Callaqui, rodeándolo, tal como una familia pehuenche rodea su fogón en el hogar. Alrededor, los dos grandes ríos, el Queuco por el norte, el Biobío por el sur. Volcanes, ríos y comunidades en una relación simbiótica, pero a la vez hitos geográficos que lentamente se van diluyendo bajo los parámetros modernos del Estado y de la cultura empresarial.

A contrapartida del valor dado por los pehuenches al volcán, la institucionalidad pública en la zona ha generado una serie de recomendaciones de riesgo y peligro en torno a las características vulcanológicas de la comuna. En este sentido, desde lo público, se lee que los habitantes de las comunidades corren peligro habitando en las cercanías a los volcanes, alentando su despoblamiento; no así con las represas y centrales hidroeléctricas, que autoriza sus construcciones en las mismas áreas y ríos circundantes de dichos volcanes considerados peligrosos.

La geografía se desencuentra entre las disputas ideológicas de cada grupo. Disputas que no solo ponen en cuestión el valor de la espacialidad misma, sino además, de las temporalidades que la cruzan en la construcción de las relaciones entre los grupos humanos con el entorno. El conocimiento ancestral, en el caso de las comunidades pehuenches, que aprendieron de los ritmos y características eruptivas de cada volcán de la zona: *“El Copahue siempre erupciona hacia Argentina, porque está acostado sobre ese lado”*; o *“El Callapquen siempre está tranquilo, no recordamos erupciones”* son parte de las reflexiones de los comuneros, que les permite evaluar e incluir como un factor relevante al momento de relacionarse espacialmente y a través del tiempo con los volcanes de su territorialidad.

Es así, que mientras el volcán es un hito geográfico aglutinador y protector, los ríos denotan distinciones y resguardos geográficos de los lugares, el nuestro y el de los otros; y que dan cuenta de diferentes espacialidades donde se desencuentran las culturas, se disputa su potencial y rentabilidad productiva por parte de la cultura empresarial.

Concebir al río en la actualidad, no solo como un espacio que delimita (o integra) un territorio determinado, sino también, como un espacio con sentido diacrónico que otorga memoria e historia en la territorialidad local, y que pone de manifiesto la dimensión temporal en la valorización social del lugar propio.

## **GEOGRAFÍAS DEL DESENCUENTRO**

Las escalas cambian, y con ello, se refuerzan las asimetrías. Aquí, en el territorio pehuenche, la apropiación e intervención de la cultura empresarial, y de la política estatal, puede ser considerada por éstos como acotada en su impacto al ecosistema, y beneficiosa para la mirada desarrollista de quienes promueven tales acciones, viendo en los ríos un potencial energético que aportará en el plan energético nacional. A contramano, desde las percepciones pehuenches, la escala de relaciones sociales y temporales, se agigantan en



cuanto al impacto que generan intervenciones de extractivismo neoliberal, debido a las afectaciones en las prácticas del quehacer cultural local y que se entreteje por generaciones en la incorporación de los ríos en la cosmovisión de las comunidades indígenas.

En este sentido, no es solamente un muro y turbinas que aprovechan el curso de las aguas para generar electricidad, sino que, desde la población intervenida, son múltiples afectaciones, tales como el retroceso de las nieves por los amplios represamientos de agua, generación de enfermedades, pérdida y restricciones de acceso a territorios considerados propios, alteración del ecosistema del río, alteraciones sociodemográficas por incorporación de población obrera masculina exógena en áreas de hábitat de las comunidades pehuenches, son solo algunos de los numerosos fenómenos de ruptura.

Al respecto, para el geógrafo y teórico social David Harvey, cree que es importante poner en tela de juicio la idea de un sentido único y objetivo de tiempo y el espacio, a propósito de este desencuentro cultural (empresario-indígena) sobre la geografía del Alto Biobío. Tanto la escala y la valoración de la geografía nos da cuenta de dos narrativas diferentes, una del presente y la rentabilidad de sus recursos, para satisfacer aspectos energéticos nacionales; la otra, del habitar ancestral con una percepción territorial íntima y local.

Por su parte, otro autor de la teoría geográfica crítica, Milton Santos en su libro, “La naturaleza del espacio” (2000), expone que la principal forma de relación entre hombre y naturaleza (medio) viene dada por la técnica, y precisamente, en ésta acción de dominio y ejercicio de poder sobre el tiempo y el espacio que menciona Harvey, es que Milton Santos manifiesta el principio de control de la técnica: “*Las técnicas constituyen un conjunto de medios instrumentales y sociales, con los cuales el hombre realiza su vida, produce y, al mismo tiempo, crea espacio*” (2000, p. 27).

La técnica que sostuvo las relaciones pehuenches y medio (naturaleza), es reemplazada drásticamente bajo la dinámica de acumulación de bienes y excedentes por parte de privados, en desmedro o por desposesión -claro está-, de las comunidades locales. La movilidad del capital expone su necesidad constante de captura de nuevas regiones, de nuevas territorialidades, de sus tiempos y relaciones, con la imposición paradigmática de la técnica hegemónica global del capitalismo.

La mercantilización y privatización de la tierra, hoy la del territorio pehuenche por parte de las empresas energéticas; la expulsión forzada de campesinos, ahora la de los comuneros pehuenches de la cuenca del río Biobío por los embalses Ralco y Pangue; la conversión de diversas formas de derechos de propiedad común o colectiva, aquí la imposición de la propiedad individual por sobre los territorios comunitarios; la supresión de derechos a los bienes comunes, aquí la posesión de derechos de agua entre particulares ajenos al territorio; la transformación de la fuerza de trabajo en mercancía y la supresión de formas de producción y consumo alternativas; la monetización de los intercambios y la recaudación de impuestos, que hoy tanto afecta las relaciones económicas y sociales de

los pehuenches. Al respecto, los cambios dados en el espacio por el fenómeno técnico -explica Santos-, integra todas las manifestaciones de la técnica, incluidas la propia acción: *“No se trata pues, de considerar solamente las denominadas técnicas de producción, o como otros prefieren las técnicas industriales, es decir, la técnica específica”* (2000, p. 33).

Por su parte, la acumulación por desposesión, como define Harvey al proceso que gráfica dramáticamente la territorialidad pehuenche, especialmente a través de sus caudalosos ríos, ante la intervención de las empresas energéticas, forestales y sus lógicas extractivistas, o de la técnica que menciona Santos, suma nuevos mecanismos que aseguran su reproducción, y que se observan en la mercantilización de la naturaleza, como también en la empresarización de las instituciones públicas, relaciones económicas y sociales. La intervención y mutación del espacio, en este sentido, termina redefiniendo los valores y escalas espaciales y de lugar, como bien expone Milton Santos: *“Sin duda, el espacio está formado por objetos, pero no son los objetos los que determinan los objetos. Es el espacio el que determina los objetos: el espacio visto como un conjunto de objetos organizados según una lógica y utilizados (accionado) según una lógica”* (p. 36). Aquí, el río, la naturaleza, la tierra y el agua, los instrumentos de la práctica cultural y del quehacer territorial, adquieren otro valor y escala de uso y apreciación ante la nueva técnica que ahora gobierna la acción de las relaciones en una nueva espacialidad y temporalidad del territorio y la geografía desencontrada.

## LA GEOGRAFÍA ENTRE LA MEMORIA Y LA MODERNIDAD

La percepción del territorio propio y ancestral contra la perspectiva de los territorios con potencial para explotaciones de sus recursos (en gran magnitud), dan cuenta de la amplia diferencia que separa a dos importantes actores que habitan e intervienen su geografía.

Dicha percepción en colisión y desencontrada, nos expone dos sistemas de pensamiento y cosmovisiones que influyen sobre la práctica y la costumbre en el entorno. Por una parte, está la de los propios habitantes originarios del territorio, con lógicas y prácticas ancestrales, sustentadas en la memoria. Por otra, la percepción de los agentes intervinientes del territorio, de aquella comunidad ejecutiva y empresarial que desarrolla sus cosmovisión y percepción de los territorios -en plural y sin particularidades concretas- en los senos de los grandes centros urbanos del mundo moderno y globalizado, donde los valores de la agencia individual, la inversión, la competencia y ganancia priman. El agente inversor es un actor predispuesto al propio desarraigo, y al arraigo con apropiación temporal en un territorio extraño. Es un agente que exporta desde la urbe sus valores y los instala abruptamente en un lugar ajeno, diferente, y en ese contexto, es que la geografía del Alto Biobío pasa a ser -bajo su lógica- un territorio con potencial y rico en recursos explotables (maderero, hídrico, mineralógico, ganadero, agrícola, turístico, etc.). La percepción

determina una praxis focalizada en un tipo de recurso, extensiva en su aprovechamiento. Con un enfoque funcional del uso de los recursos. En este caso, la industria energética es la que se instala con fuerza en el territorio de Alto Biobío, focalizando su intervención en las fuentes y cursos de agua. Un poco más atrás, la industria forestal, que paulatinamente va aumentando las superficies de plantaciones de pino y eucaliptus, afectando fuentes de aguas como vertientes y menocos<sup>1</sup>.

Los mecanismos fueron diversos como también las instituciones y agentes que influyeron en la demolición de la escalarización y valoración del lugar de los pehuenches. Por ejemplo, como se observa en la ruptura de los ciclos de invernada y veranda que eran marcados regularmente por las pausas del invierno, y que ahora se ven alteradas por la necesidad de incluirse en una economía nacional y monetarizada, a través de trabajos regulares con un sueldo fijo. Ya no basta tener ganado vacuno, concretar año a año el ciclo de movilidad, e ir a intercambiarlo por otros productos a localidades en el país vecino de Argentina, sino por el contrario, debe sumarse a la institucionalidad productiva y comercial de Chile, y con ello, adaptarse o fenecer en el intento de satisfacer las regulaciones de la industria nacional (Etiquetado de calidad, SAG servicio agrícola y ganadero, precios de mercado, competencia, etc.), y a la privatización del espacio (Parques nacionales, parcelas de agrado de particulares, adquisición de derechos de agua por empresas y privados, etc.). Lo anterior, sin ciclos, sino en un permanente estado de producción a nivel local, regional, nacional e internacional.

La creciente privatización del territorio pehuenche, como el seccionamiento de su geografía ancestral, es un quiebre que se desarrolla fuertemente en las últimas dos generaciones en Alto Biobío, estando en la memoria viva de los más ancianos, transformando el desencuentro geográfico en un momento histórico y de quiebre sociocultural del presente, que está aconteciendo en el ahora. El recuerdo dicta que la vida era de pastoreo, recolección y de tierras sin fronteras. La trashumancia se desarrollaba sin presiones, sin controles, sin aduanas y sin barreras. En invierno, en las rucas de las zonas bajas, guardándose como hormigas, con leña y productos secos para guarecerse de las fuertes nevadas. En verano, trasladándose a las zonas cordilleranas en busca de pastos nuevos para sus animales. La tierra, el agua, los recursos accesibles a través de zonas de uso y explotación colectivas y consensuadas por clanes y comunidades.

La instalación del Estado en el territorio pehuenche no solo contrajo una regulación favorable a las lógicas privatizadoras de la tierra en Alto Biobío, sino también, aspectos de regulación y fronteras impuestas en la otrora geografía practicada ancestralmente por sus habitantes nativos. Se instalaron controles aduaneros (Servicio agrícola y ganadero, SAG; y Carabineros de Chile) en los pasos cordilleranos, se instalaron sistemas de salud

---

<sup>1</sup> Un Menoco o menoko es un sitio donde nace o se origina una fuente de agua, sagrado para la cultura mapuche, no sólo porque es un humedal que posee buena salud y abundante biodiversidad, sino porque también alberga gran cantidad de hierbas medicinales.

occidentales que cambiaron la cosmovisión de cómo y especialmente dónde nacer. La propiedad privada se afianzó como lógica de uso de la tierra y el agua.

Según antecedentes recopilados con las mismas instituciones públicas de Alto Biobío, la población pehuenche y sus actividades productivas dependen en un 80% de la tierra<sup>2</sup>, por lo que la tenencia se convierte en un tema relevante para las comunidades.

El atropellado aterrizaje en Alto Biobío por parte de la cultura empresarial y del Estado de Chile, generó un profundo desorden en la cosmovisión y prácticas cotidianas de los pehuenches. Los abruptos cambios en las relaciones espaciales, como en la distribución en el uso y posesión de la tierra, activó procesos destructivos sobre las estructuras económicas, productivas y sociales de los pehuenches. Las veranadas retrocedieron, las tierras de invernada cambiaron o desaparecieron bajo las represas; el valor de intercambio de los animales se desvalorizó; y el aporte sostenedor del hombre (en una estructura social de tipo patriarcal y patrilineal) dejó de ser el principal, al incorporarse la sociedad pehuenche a una economía de libre mercado con un valor de cambio sustentado en el dinero monetario y no en los animales. Los hijos ya no eran educados exclusivamente por el padre, sino por las escuelas rurales y de centros urbanos de educación básica. El libre tránsito hacia Argentina dejó de ser tal; y las distancias para obtener el sustento diario se multiplicaron considerablemente. Ya sin veranadas, sin bosque nativo, sin esteros y sin tierras, el sustento debía obtenerse a cientos o miles de kilómetros de distancia. El pehuenche tuvo que cambiar, migrar y dejar atrás sus formas tradicionales de vida.

La aculturación y homogenización de la cultura chilena (occidentalizada, neoliberal, de agencia individual y monetarizada) han horadado en la geografía y la sociedad pehuenche, y especialmente con algunos grupos sociales como los hombres. En una sociedad de tipo patriarcal, donde gran parte de la economía familiar de subsistencia depende de los recursos naturales y la geografía misma, muchos hombres jóvenes y adultos auguran un futuro incierto ante los significativos cambios en la tenencia de tierras, del desarrollo productivo ganadero artesanal que los mantiene y la falta de empleos en una sociedad altamente monetarizada. Poseer tierras y animales heredados del abuelo y el padre ya no son suficientes.

De esta manera, cabe la cuestión del preguntarnos sobre la relación entre una geografía desencontrada y cómo las prácticas culturales, y las mismas espacialidades que las contienen van transformándose, ya no -y como hemos analizado previamente- en el ejercicio de alguna práctica productiva concreta, o rito o relación sagrada con algún elemento de la geografía, sino a partir de fenómenos que terminan por condicionar directamente la preservación de las formas de vida de un pueblo originario.

## CONCLUSIONES

La introducción colonizadora de la cultura empresarial a través de hitos físicos

---

<sup>2</sup> Estudio base de diagnóstico de la población Pehuenche, 2016. Pp. 78.

como represas hidroeléctricas e innumerables torres metálicas de transmisión de energía; con parcelaciones, cercados y avisos de prohibido pasar; con plantaciones forestales y sociedades anónimas, como también las del Estado, instalando aduanas, controles policiales y fitosanitarios en territorio pehuenche, ha generado la irrupción de una nueva percepción y práctica geografía, que está sustentada en paradigmas desarrollistas y de supuesta modernidad, generando con ello el desencuentro de dos perspectivas -empresarial y originaria-, confrontadas en el discurso, la práctica y en la percepción del espacio. De cómo la escala y el valor de la geografía contenedora de este desencuentro se distorsionan y tensionan bajo las dos narraciones.

¿Dónde vemos el desencuentro? Fue la principal inquietud que guía este documento, y que da cuenta de una zona que, a lo largo de la historia, pero especialmente en las últimas décadas, se agudiza con la industria hidroeléctrica que se instala en el seno de la territorialidad pehuenche.

Las comunidades o Lof pehuenches se enfrentan diariamente a tales barreras y espacios liminales erigidos con la ocupación de la cultura empresarial. Marcadas, además, por la pérdida de buena parte de sus territorios ancestrales, y sometidos a políticas asimilacionistas por parte del Estado. Alto Biobío es un área de frontera, donde el desencuentro marca la pauta en los diálogos y miradas sobre el territorio. Abordar, en consecuencia, dicha cotidianidad, enrostra sentimientos profundos y reflexiones encontradas respecto de la territorialidad, la frontera, los cambios culturales y el conjunto de aquello que acá se traduce en desencuentro.

Desencuentro que habla de miradas distintas sobre el valor y escala del río, de las fuentes y cursos de agua en el territorio pehuenche; que habla de volcanes protectores, por una parte, y de volcanes altamente riesgosos por otro; de áreas protegidas por el Estado, y otras sacrificadas por la misma institucionalidad pública. Nos narra de cómo unos hablan de una geografía ancestral y vital para la reproducción de los pehuenches, y otros, de una geografía con muchos recursos para la explotación y la economía de propio beneficio para empresas y el Estado.

Entonces ¿Dónde vemos el desencuentro? Se ve precisamente en los elementos que configuran la geografía, en sus ríos, en sus montañas, en sus tierras, en concreto, en todos estos espacios apropiados y relacionados por los habitantes locales. Y por supuesto, en la evolución de sus prácticas culturales en ellas, tales como las veranadas e internadas. La cotidianidad de los pehuenches de Alto Biobío, denuncia ciertamente este demoledor proceso de cambios, desarraigos y desterritorialización, de imposición de nuevas fronteras y barreras, de la multiplicación de espacios liminales, de transcurso de cambio y adaptación (y asimilación); lapsos que hablan de múltiples ámbitos de intervención y pérdida de prácticas como de costumbres, de un quehacer condicionado por el cruce constante entre sus culturas y la realidad predominante de la sociedad chilena y los agentes empresariales multinacionales.

Escala y valor, el “vivir como hormigas” como así se autodefinió un dirigente pehuenche, en la intimidad del grupo familiar y del fogón, mutó hacia la internacionalización de su geografía y de su potencial energético. El otrora territorio circunscrito a dos espacios cíclicos de invernada -veranada, marcadas con pausas del invierno, hoy es cruzado por la permanente lógica de explotación del espacio. La pausa ya no existe. Tampoco la división de uso según época, o temporada. Desde ahora, se debe luchar con la lógica de la productividad sin fin, de aquella explotación que pareciera infinita y sin límites.

## BIBLIOGRAFÍA

Agredo Cardona, Gustavo (2006): “El territorio y su significado para los pueblos indígenas”. En Revista Luna Azul, número 23. Pp. 1-5. Manizales, Colombia.

Aktouf, O., & Chrétien, M. (2011). Antropología de la Comunicación y Cultura Empresarial: El Caso Cascades. Cuadernos de Administración, 14(20), 120-144.

Almeida, Marcel (2001). Por una antropología empresarial. Universidad Federal de M.G.

Blanco, Jacqueline (2011). “Tierra, autonomía y ancestralidad, una triada de poder al interior de la jurisdicción especial indígena en Colombia”. En Revista Prolegómenos - Derechos y Valores, Vol. XIV. No. 28, Pp. 25 - 44, Bogotá.

Cosgrove, Denis (2002): Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista. En Boletín de la A.G.E. N.º 34 - 2002, págs. 63-89. Universidad de California.

Escobar, A. (2015). Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio”. Desenvolvimento e Meio Ambiente, 35.

Fernández, S. (2015). Territorio corporativo, fragmentación socioterritorial y respuestas locales en el Chile post-terremoto, Región del Biobío. Revista Universitaria de Geografía, 24(1), 41-62.

Giménez, Gilberto (1996): “Territorio y culturas”. En Estudios sobre las culturas contemporáneas, año/ Vol. II, número 004. Pp. 9-30. Colima, México.

Guber, Rosana. 2004. El Salvaje Metropolitano. Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo. Segunda edición. Editorial Paidós, Buenos Aires.

Guber, Rosana. 2001. La etnografía: Método, campo y reflexividad. Grupo editorial Norma, Bogotá.

Lavell, Allan; Narváez, Lizardo; Pérez, Gustavo (2009): La gestión del riesgo de desastres: un enfoque basado en procesos. Secretaria General de la Comunidad Andina.

Le Breton, David (2006): El sabor del mundo: Una antropología de los sentidos. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión.

Lowenthal, David (1998): El pasado es un país extraño. Madrid, Ediciones Akal S.A.

Mandujano, Fernando & Rodríguez, Juan (2016). La catástrofe del 2008 en la provincia de Palena: reflexiones sobre sus particularidades e impacto en la Patagonia occidental. En: Revista Magallania, 2016. Vol. 44(2): 69-85.

Massey, Doreen (1999): La filosofía y la política de la espacialidad: algunas consideraciones. En: Pensar este tiempo. Espacios, afectos y pertenencias (Leonor Arfuch, compiladora). Power-geometries and the politics of space time. Departamento de Geografía, Universidad de Heidelberg.

Orozco, Jaime & Ferré, Carme (2011): Los stakeholders de las empresas de comunicación en el ámbito de la responsabilidad social corporativa. Grupo de investigación Compress, Comunicación y Responsabilidad Social, de la Universidad Autónoma de Barcelona.

Porter, Michael & Kramer, Mark. 2011. La creación del valor compartido. Harvard Business Review.

Sánchez, José; Tejero, Blanca; Yurrebaso, Amaia & Lanero, Ana. 2006. Cultura Organizacional: Desentrañando vericuetos. En AIBR, Revista de Antropología Iberoamericana, Vol. 1. Num. 3. Pp. 380-403, Madrid.

Sforzi, Fabio (2014): El distrito industrial y el «viraje territorial» en el análisis del cambio económico. Departamento de Economía, Universidad de Parma.

Smith, Neil (1984): Desenvolvimiento desigual. Editora Bertrand Brasil S.A., Río de Janeiro.

Solarte, Guillermo (2011): Asociatividad, empresarización y pactos territoriales: Claves del desarrollo de los territorios rurales. Corporación Latinoamericana Misión Rural, Bogotá.

Surrallés, Alexandre & García Hierro, Pedro (2004): Tierra Adentro. Territorio indígena y percepción del entorno. Copenhague, Grupo internacional de trabajo sobre asuntos indígenas.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acción didáctica 69, 70, 71

Alienación 1, 2, 3

Ambiente tecnológico 3, 40, 41, 43, 45, 51

Animal production 141

Apps 2, 4, 141, 142, 143, 144, 145

Apreciación de internet 40, 43, 45

Aprendizaje en línea 94, 95

Aproximaciones psicológicas 2, 3, 1

Apuntes metodológicos 3, 13

Atendimiento educacional especializado 6, 219, 220, 221, 224

Autonomía 17, 29, 75, 116, 117, 157, 162, 185, 213

### B

Balance metodológico 13

Bienestar 3, 2, 5, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 86, 187, 189, 191, 193

### C

Carlos Noriega Hope 3, 61, 62, 64, 66, 67

Ciencias 1, 2, 4, 11, 14, 16, 26, 41, 59, 69, 79, 115, 124, 157, 159, 160, 162, 165, 166, 168, 191

Ciencias humanas 1, 2

Cine 2, 3, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91, 159

Colaboración 1, 2, 17, 19, 41, 64, 116

Competencia 2, 3, 18, 19, 21, 25, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 71, 74, 77, 81, 92, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 142, 157, 181, 182, 192, 193, 214, 215

Competencias profesionales 56, 111, 113, 114

Competencias sociolaborales 29

Complejo de edipo 1, 5, 7

Conhecimento popular 126, 127

Conocimiento 3, 15, 23, 26, 27, 31, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 55, 56, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 91, 96, 109, 112, 116, 118, 120, 121, 157, 158, 164, 165, 178, 179, 185, 196, 198, 199, 208, 209, 212, 213, 216, 217, 218

Constitución del odio 2

Contexto 3, 13, 14, 31, 39, 42, 53, 55, 58, 70, 72, 73, 81, 84, 86, 87, 89, 90, 99, 102, 103,



111, 115, 116, 128, 130, 131, 139, 148, 149, 159, 181, 191, 192, 195, 196, 200, 202, 205, 220, 222, 223, 224

CONTEXTO 4, 81, 220

## **D**

Desempeño profesional 4, 71, 111, 112, 113, 114, 123, 125, 200

Deserción 81, 84, 85, 86, 88, 89, 92, 201

Docentes 2, 3, 4, 38, 41, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 108, 109, 111, 112, 113, 121, 123, 124, 143, 159, 160, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 193, 195, 197, 198, 200, 201, 203, 204, 205, 207, 209, 210, 215, 217, 218

## **E**

Educación 2, 3, 4, 20, 25, 26, 28, 32, 33, 40, 41, 42, 43, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 64, 69, 71, 72, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 117, 118, 121, 124, 146, 147, 157, 158, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 183, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218

Educación rural 81, 84, 85, 92

Emoción 65, 168, 170, 173, 174

Emprendimiento juvenil 3, 28, 29, 30, 31, 36, 37

Epidemiología 94, 95

Equidad 5, 95, 117, 168, 169, 171, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 213

Escuela normal 2, 4, 5, 40, 53, 57, 59, 75, 77, 79, 80, 94, 95, 111, 114, 115, 168, 195, 197, 198, 203, 208, 214, 218

Estrategias pedagógica 81

## **F**

Factores psicosociales 2, 5, 187, 188, 189, 194

Formación de docentes 53, 71, 94, 95, 124, 195, 201, 218

Formación docente 40, 42, 54, 56, 98, 107, 124, 169, 174, 210, 218

Formación docente y tecnologías 40

Formadores de docentes 2, 3, 4, 53, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 123

Formadores de formadores 53, 55, 56, 57

## **G**

Geografía 5, 20, 82, 171, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 197

## H

Habilidades sociales 5, 187, 188, 191, 192

História do bairro 126, 132, 137

## I

Identidad 5, 6, 10, 92, 93, 108, 114, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 206, 209, 211, 213, 215, 218

Inclusion 146, 147, 195, 196

Inconsciente 1, 3, 8, 10, 12

Industrias transnacionales 13, 14, 15

## J

Jóvenes 2, 3, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 61, 64, 102, 147, 164, 178, 183, 188, 189, 191, 192, 202, 216, 217

## M

México 2, 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 51, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 73, 74, 78, 79, 80, 93, 94, 96, 109, 110, 113, 124, 140, 169, 171, 175, 185, 197, 198, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 217, 218

Modelo educativo 53, 69, 80, 81, 83, 86, 87, 95, 110, 171, 204, 217

Modernidad 62, 176, 177, 181, 184

## N

Normalista 51, 53, 54, 55, 58, 75, 80, 98, 208, 209, 211, 216, 218

Norte de México 2, 3, 13

## O

Odio 3, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

Oralidade, educação 126

## P

Pehuenches 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

Pensamiento crítico 2, 4, 69, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 94, 95

People with disabilities 146, 147

Plan de estudios 55, 59, 80, 94, 95, 110, 111, 123, 199, 205, 217, 218

Poder 4, 9, 22, 30, 31, 37, 44, 46, 80, 86, 91, 103, 134, 139, 150, 157, 160, 161, 162, 163, 165, 167, 174, 180, 185, 191, 192, 202, 221

Política 1, 2, 17, 18, 41, 62, 93, 129, 139, 147, 160, 164, 179, 185, 186, 202, 207, 218, 224  
Política de diálogo 1, 2  
Práctica docente 2, 5, 54, 56, 96, 97, 98, 102, 108, 109, 110, 120, 123, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 216  
Prensa cultural 61  
Problemáticas juveniles 3, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 39  
Procesos formativos 53, 108, 204, 209

## **Q**

Quality care 146, 147

## **R**

Radio 2, 3, 61, 62, 64, 65, 66, 67

Relaciones sociales 179, 187, 191

Representaciones sociales 4, 69, 70, 71, 73, 74, 78, 80

## **S**

Salas de recursos multifuncionais 219, 220, 222, 223

Seguimiento a egresados 2, 4, 111, 123

Sindicalismo en el norte de México 2, 3

Sindicatos en maquiladoras 13

## **T**

Teaching 141, 195, 196, 219

Tecnologías 40, 41, 42, 43, 46, 47, 51, 52, 96, 121, 142, 204

Tejido social 187

Territorio ancestral 176

Training 94, 95, 146, 147, 195, 208

## **U**

Uso académico de internet 40, 48

## **V**

Voluntad 40, 44, 51, 64, 167, 168, 169, 170, 173, 174

Vulnerabilidad 108, 170, 195, 199

# CIENCIAS HUMANAS:

## POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

🌐 [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)

✉ [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)

📷 @arenaeditora

📘 [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)



# CIENCIAS HUMANAS:

## POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

✉️ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

📷 @atenaeditora

📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

